

Apresentação

Lisbeth Rebollo Gonçalves



Semana de Arte Moderna é um marco fundamental na cultura brasileira. É um fato histórico que tem, para os brasileiros, um valor de “mito”. Na cultura brasileira, a Semana representou um gesto de ruptura, a partir do qual se introduziu a modernidade artística. Aconteceu na cidade de São Paulo, de 13 a 17 de fevereiro de 1922, ano em que se comemorava o centenário da Independência do país. São passados noventa anos e ela continua sendo um tema de interesse e debate, do qual a *Revista USP* não poderia se ausentar.

Ela foi tema de revisão dos próprios integrantes do movimento modernista e, nos últimos cinquenta anos, de década em década, em cada passagem de aniversário, vem sendo reanalisada. Com essa motivação, vêm sendo realizadas exposições, conferências, encontros científicos, teses universitárias. Os enfoques do processo de discussão vêm sendo diversos e partem dos vários campos da arte: das artes visuais, da literatura, da música, do teatro e da arquitetura – despontando sempre sua importância referencial.

A Semana de 22 foi uma *performance* de rejeição ao *statu quo* das artes – exprimia o anseio de uma nova mentalidade intelectual, queria criar um novo espírito: o espírito moderno para o Brasil. Propunha um olhar para a modernização social e para o que havia de mais avançado na criação artística. Idealizava-se o Brasil integrado aos centros europeus mais desenvolvidos no campo da cultura artística, pregava-se o abandono dos valores ligados às velhas estruturas da sociedade.

Hoje, há consenso quanto ao fato de que, no contexto da realidade brasileira, são complexos os conceitos de modernidade e arte moderna. É necessário dimensionar as diferenças que existem com relação à realidade europeia, na qual o gesto de ruptura dos brasileiros se inspirou. Sabe-se que há uma teia de complexidades, qualidades e características culturais que é preciso continuamente desvendar. Estudos de história da arte e da cultura vêm constatando que existia, entre os intelectuais e artistas participantes da Semana, um olhar para o futuro, que trazia um desejo de ruptura, de inovação e de experimentação, mas, ao mesmo tempo, descortinava um sentimento de nostalgia, um retomar das raízes culturais que marcaram o processo de formação histórica da nação. Na modernidade artística brasileira, há, sem dúvida, um ponto de tensão entre a racionalidade modernizadora e a realidade da tradição. Hoje é possível compreender o fenômeno como um processo histórico bem diferente daquele que foi desenvolvido na Europa.

LISBETH REBOLLO GONÇALVES
é professora do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP e presidente da ABCA

Reprodução



Anita Malfatti,
O Homem Amarelo,
1915-16;
Di Cavalcanti, sem
título, 1950 (Figuras
Femininas de Cartola);
Tarsila do Amaral,
A Floresta, 1929

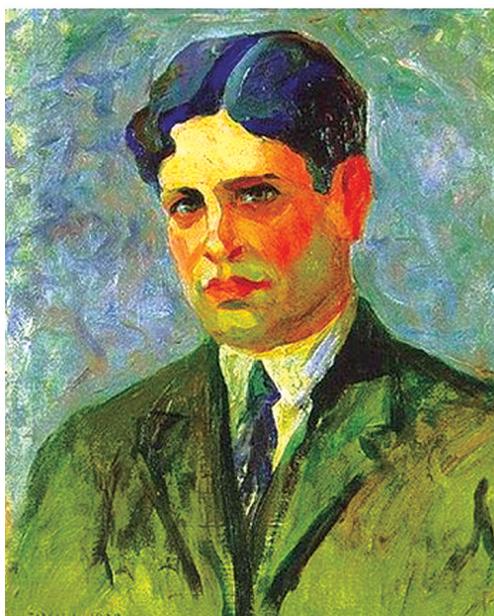


Acervo MAC-USP



Acervo MAC

Reprodução



Reprodução



Oswald (à esquerda)
e Mário de Andrade
retratados por
Tarsila do Amaral
e Lasar Segal,
respectivamente

**Caixa Modernista,
publicação da Edusp/
Editora UFMG/
Imprensa Oficial,
São Paulo, 2003**



Estes e muitos outros aspectos são tratados no dossiê da *Revista USP*. Reúnem-se artigos cuja diversidade de enfoques é enriquecedora.

O texto de Aracy Amaral traz a comparação com outros exemplos de modernismo na América Latina, contribuindo para o entendimento do contexto cultural dos anos 1920 na nossa realidade. Icleia Cattani, ao abordar a pintura modernista, desenvolve reflexão sobre tensões constitutivas entre os princípios opostos presentes na modernidade brasileira, percorrendo questões que se apresentam na arte moderna na Europa e no Brasil. Telê Ancona Lopez comparece com um texto sobre Mário de Andrade, focalizando o autor na prática jornalística, em especial, em artigos que publicou sobre o *Monumento às Bandeiras*, do escultor Victor Brecheret – obra que é um marco do modernismo, pensada para celebrar o centenário da Independência do país. Daisy Peccinini discorre sobre Brecheret e o grupo dos modernistas, sobre sua obra inovadora na época, apresentada na mostra da Semana, sobre seu papel como um dos precursores da modernidade artística, resgatando aspectos de sua trajetória como escultor.

A revisão da análise crítica que faz Mário de Andrade, em sua conferência de 1942, sobre o movimento modernista é realizada por José de Paula Ramos Jr. A presença da música na Semana de Arte Moderna é analisada em dois textos do dossiê: o de Edson Leite recupera alguns fatos e estudos que colaboram na compreensão do modernismo com uma sondagem centrada nos músicos e na música da Semana de 22; o ensaio de Eduardo Seincman coloca em cena a música na época da Semana e a contribuição de Villa-Lobos. O teatro na vida da cidade de São Paulo e o Teatro Municipal como palco da Semana, assim como as repercussões do evento modernista na realidade teatral, posterior ao evento-estopim do modernismo, são o tema de Ferdinando Martins.

A presença da arquitetura na Semana de 22 e a renovação arquitetônica que ela provoca são abordadas por Rodrigo Queiroz e Maria Luiza de Freitas. Francisco Alambert põe, em contexto, as revisões que produziram os participantes da Semana em decênios posteriores, em especial, as interpretações de Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Seu texto mostra ainda desdobramentos intelectuais da Semana de Arte Moderna nas gerações futuras e na vida universitária, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

O dossiê apresenta, em espaço especial... um depoimento de João Batista Borges Pereira, que resgata a revisão da Semana de Arte Moderna realizada na Universidade de São Paulo, em 1972; e, como homenagem póstuma, um texto de Marta Rossetti Batista, escrito em 1995, sobre a Semana e a geração de artistas plásticos modernistas.

O conjunto de ensaios reunidos no dossiê promove um exercício de reconstrução crítica de um dos mais importantes capítulos da história da cultura brasileira, mas também, certamente, provocará a continuidade de muitas outras reflexões.